

FARÓIS

BECK

MARCUS DINIZ MUNDIM
Faculdade de Direito — 4º ano

Houve uma tarde, uma única tarde, mágica e distante em que os números se confundiram e o Coronel enxergou, distinta e claramente entre as operações burocráticas de soma e multiplicação, o vazio insuportável de sua sala, e, longe da sala, seu quarto. No quarto, a cama muda e por fazer. Parecia-lhe então que êsse vazio estava em tudo e tudo invadia. O Coronel preocupou-se com o vazio por um mês até descobri-lo, ao vestir, em parte alguma que não fôsse em si mesmo e viu-se no espêlho um buraco, enchendo lugar.

Houve então outra tarde que já não foi única, nem mágica, nem distante, porque foi exatamente igual a tôdas as outras em que o Coronel faltou à repartição, deu ordem ao chofer de percorrer a Atlântica, voltar, tomar a Vieira Souto e, em pleno sol das três da tarde, imóvel diante do Museu Nacional, viu-a pela primeira vez. Viu-a em seguida, atravessando o Sena, de *bikini* sob o sol da Côte d'Azur, e, o Coronel desesperou-se na tarde em que não a viu mais.

Desejou faróis no esplendor da loucura em que se tornara a busca, já que o vazio incompreensível era cada vez maior.

Houve então o outono do ano em que o Coronel se aposentou e, durante o outono aconteceu uma outra tarde, que



Vanice Ayres Leite

também não foi única mas foi mágica, pois maravilhosamente outonal e, não foi única pois repetiu-se na tarde seguinte, quando o telefone tocou e ao mesmo tempo a campainha da porta, a sineta da mesa, a buzina de todos os carros e os carrilhões de tôdas as igrejas, tudo, tudo rigorosamente ao mesmo tempo em que a porta se abriu e ela apareceu suada e confiante na solidão do Coronel. Trazia consigo uma cesta de flôres, uma sacola de feira e um ar resoluto de dona de casa a que o Coronel logo se acostumou. Acostumou-se tanto para dizer a verdade que até na cama enxergava o avental branco que se incorporara a ela em sua imaginação. Acostumou-se à idéia de tê-la e tê-la sua e soltou seus pássaros para a liberdade da praia. Das cento e dez gaiolas, mandou executar uma jaula fenomenal, de um requinte exageradamente *art nouveau* e convidou sua bem amada a compartilhar consigo do leito matrimonial.

Ruborizada e tímida, ensaiando ainda passos de gente bem, a amante tresloucada teve o despudor de dizer que não. Assim como aparecera, desapareceu. Sem alarde e sem pompa. Uma cesta de flores e uma sacola de feira na mão.

De tarde em tarde, o Coronel envelheceu e, pacientemente tornou a aprisionar seus pássaros, voltou às somas e multiplicações, sem esperar por tardes mágicas e sem mais ilusões, mas confiando que um dia qualquer, surgisse do fundo de seu tédio uma tarde nova.

Houve então uma tarde que foi essa tarde e é bem verdade que não foi só uma, pois foram várias as tardes em que o Coronel se apaixonou. Apaixonou-se da vida e apaixonou-se tanto que se apaixonou do amor. Conservou prêsos seus pássaros porque já não viveria sem êles. Conservou suas mágoas e suas grandes decepções. Curvou-se sob o pêso de suas culpas e apaixonou-se da tentativa feroz de se livrar dos números, das somas e da solidão.